

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

LUIZ CINTA LARGA

“CANTO DE CARÁ” DO POVO *PANDEERÉÉJ*

**Barra do Bugres
2016**

LUIZ CINTA LARGA

“CANTO DE CARÁ” DO POVO *PANDEERÉÉJ*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbours, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C574c CINTA LARGA, Luiz.
“Canto de Cará” do Povo *Pandeeréj* / Luiz Cinta Larga. – Barra do Bugres, 2016.

31 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação

Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Dra. Maria Helena Rodrigues Paes.

1. Povo *Pandeeréj*. 2. Cultura Imaterial. 3. Canto de Cará. I. Paes, M.

H. R., Dra. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

LUIZ CINTA LARGA

“CANTO DE CARÁ” DO POVO PANDEERÉÉJ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 10 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professora orientadora

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz
Professora Avaliadora

Prof.^a Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às minhas filhas Luciana, Lucinéia, Luna Tailini, Lorraine e ao meu filho Loender, que sempre ficaram ao meu lado nos momentos de estudo.

Também vou dedicar à minha comunidade e aos meus pais, Ricardo Cinta Larga e Marlene Cinta Larga.

Dedico também a todos meus irmãos, Adilson Cinta Larga, Claudio Cinta Larga, Josemir Cinta Larga, Carlito Cinta Larga e Poliana Cinta Larga.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço a Deus que esteve comigo nesta caminhada e que esteve sempre comigo na minha luta. Havia muita barreira na minha frente e com ajuda d'Ele eu consegui passar por cima de todas elas.

Também eu agradeço à minha família, como minha esposa Fátima Kaban Cinta Larga, que está comigo neste mesmo caminho, nesta mesma luta em busca de formação profissional.

Eu agradeço à minha orientadora, professora Maria Helena Rodrigues Paes, que me ajudou a fazer o trabalho para eu finalizar o meu curso de Pedagogia Intercultural.

Também eu vou agradecer ao Cacique Paulo Kaban Cinta Larga e ao Senhor Eduardo Kaban Cinta Larga, que sempre me apoiaram nos meus estudos.

Agradeço à toda minha comunidade que está sempre acreditando no meu estudo.

Também agradeço ao professor Wellington Pedrosa Quintino e à Professora Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira.

Agradeço à UNEMAT, a todos os professores e aos meus colegas.

RESUMO

Eu escolhi para pesquisar o tema “Canto de Cara”, porque hoje em dia, os jovens não estão mais interessados em aprender a cantar músicas tradicionais do povo *Pandeeréj*, por isso nosso canto tradicional está acabando. Então, quero registrar esse trabalho para os jovens, assim eles poderão ler e não esquecer esta tradição tão importante para o povo. Para fazer este trabalho, pesquisei com anciões da aldeia Areões, e foram meus consultores nativos o Senhor Eduardo Cinta Larga e Paulo Kaban Cinta Larga. Também fiz gravação no celular, fiz fotos e vídeos dos anciões fazendo o Canto de Cará. Assim, penso que estou valorizando a memória do meu povo. O Cará é um alimento muito apreciado pelo povo *Pandeeréj* e parece uma batata doce. Desde os ancestrais, meu povo tinha o hábito de fazer o Canto de Cará durante a festa de homenagem ao alimento, quando ele está disponível para as pessoas, após a colheita. O objetivo deste trabalho é registrar como é a preparação da música, também mostrar como é a escolha da música e como é o canto feito pelo homem. Tenho certeza de que todo material escrito será de grande valor para a nossa comunidade. Este registro é muito importante porque é uma prática da cultura tradicional *Pandeeréj*, importante para nossa identidade é cultural.

Palavras-chave: Cultura Imaterial. Povo *Pandeeréj*. Práticas culturais. Canto de Cará.

RESUMO NA LÍNGUA MATERNA

Mujãã ixukuj mberewae má aâ maágubae na, ana ujireet ungedeet sanee matere tuperewae miundeet mene ka maenena. Ena mene ka ewe ixukúj gubae maá panekarea. Manngá wexukuj unee gubala takii takaj e Paulo Kaban pináá, Eduardo Kaban pinaa wáá. Mujãã máe péét sane werebatee mantere pamae mujãã pi mberewae ta kiáá. Mujãã ixukuj mberewae tingi mene mángae wema, undére makiáá, we ting tarapi terée ujireej mangá akuubáá.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIS	Agente Indígena de Saúde
AISAN	Agente Indígena de Saneamento
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
ISA	Instituto Socioambiental
SESAI	Secretaria de Saúde Indígena
SIASI	Sistema de Informações da Atenção à Saúde Indígena
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Terras indígenas na Amazônia brasileira	14
Figura 2 –	Mapa da Terra Tradicional dos <i>Pandeeréj</i>	15
Figura 3 –	Cará cortado em pedaços	20
Figura 4 –	Consultor nativo Sr. Eduardo Kaban Cinta Larga	21
Figura 5 –	Grupo de <i>Pandeeréj</i> fazendo o Canto do Cará	23
Figura 6 –	Consultor nativo, Sr. Paulo Kaban Cinta Larga.....	24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - APRESENTAÇÃO DO POVO PANDEERÉÉJ	12
1.1 Mito de origem dos Clãs do povo <i>Pandeerééj</i>	12
1.2 Os <i>Pandeerééj</i> e a organização social.....	13
1.3 Localização e população do povo <i>Pandeerééj</i>	14
1.4 Modo de sobrevivência e práticas culturais do povo <i>Pandeerééj</i>	16
1.4.1 Pescaria com timbó	16
1.4.2 A caçada.....	17
1.4.3 A roça.....	18
1.4.4 Festas tradicionais	18
1.4.5 Outros recursos para sobrevivência	19
CAPÍTULO II – O CANTO DE CARÁ	20
2.1 O Cará	20
2.2 Canto de Cará do povo <i>Pandeerééj</i>	21
2.2.1 O Canto de Cará.....	22
2.2.2 Entrevista com Paulo Kaban Cinta Larga	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIA IBLIOGRÁFICA	30
CONSULTORES NATIVOS.....	30

INTRODUÇÃO

Pandeeréj é a autodenominação do meu povo que muitos conhecem como Cinta Larga. Vivemos em regiões do noroeste de Mato Grosso e uma grande parte em Rondônia. Somos falantes da língua materna e ainda cultivamos bastante nossas tradições. A aldeia Areões, onde moro, fica no Estado de Mato Grosso, perto da cidade de Aripuanã.

O cará é um alimento muito apreciado pelo povo *Pandeeréj*. Ele é parecido com uma batata doce, e também é cultivado em baixo da terra. Antigamente, quando tinha a colheita do Cará, meu povo, desde os ancestrais, tinha o hábito de fazer o canto de cará durante a festa de homenagem ao alimento. Atualmente, meu povo, quase não está mais fazendo esta tradição.

Escolhi o tema do Canto do Cará porque esse canto está morrendo e os jovens não estão muito interessados em aprender mais. Eu também conhecia pouco este canto, então quis fazer este trabalho porque queria aprender e escrever o canto na língua materna. O objetivo deste trabalho é registrar como é a preparação da música, também mostrar como é a escolha da música e como é o canto, eu só os homens fazem. Este material escrito vai ser de grande valor para a nossa comunidade. É muito importante esse registro porque é uma prática da cultura tradicional *Pandeeréj*, importante para nossa identidade é cultural.

Registrar pela escrita e gravar a música é importante para manter viva a nossa identidade étnica e cultural. Portanto, neste trabalho registro tudo o que percebi sobre a música do “Canto de Cará” e também escrevo sobre a história do povo *Pandeeréj*, e ainda sobre a aldeia que moro, a Aldeia Areão. Este trabalho é importante ainda como fortalecimento de alguns traços da nossa cultura como, por exemplo, a música tradicional, assim podemos manter um pouco do que os nossos avós deixaram como herança de sua identidade cultural para o povo *Pandeeréj*.

Esta pesquisa foi feita com os anciãos Eduardo Cinta Larga (92 anos) e Paulo Kaban Cinta Larga (50 anos), na aldeia Areão, na Terra Indígena Aripuanã, localizada no município de Aripuanã-MT. Além do registro escrito e a gravação do Canto de Cará, também foi fotografado vários momentos dos *Pandeeréj* fazendo o canto, acompanhados de instrumentos.

CAPÍTULO I - APRESENTAÇÃO DO POVO *PANDEERÉÉJ*

Neste capítulo vou fazer registro do modo de vida do povo *Pandeerééj*, falando onde vive, como sobrevivem e também registrando alguns aspectos da cultura tradicional. Antes de apresentar o meu povo, vou apresentar o Mito de Origem dos Clãs do povo *Pandeerééj*, pois é o modo de organização que nosso Deus deixou para o povo. O mito de origem ainda é contado pelos nossos pais e avós, assim, o que vou registrar é resultado de minhas memórias.

1.1 Mito de origem dos Clãs do povo *Pandeerééj*

Antigamente Ngura [Deus] vivia junto com o seu neto, na terra, mas Ngura não tinha ideia do que seu neto fazia. Enquanto Ngura buscava uma solução para criar novas pessoas desenhando nas pedras, o seu neto fazia relação sexual com o barro (argila), pois a argila sugava o seu espermatozoide, e por isso não conseguia fazer um filho, porque a argila não possuía útero. Num certo momento, o neto de Ngura (Deus) juntou seus espermatozoides em um ouriço de uma castanha e foi daquele ouriço que conseguiu dar vida a uma criança, assim deu origem ao clã *Máám*.

Então ele começou a criar os descendentes: primeiro descendente foi o *Máám* [castanheira], que criou pegando um ouriço da castanha e fez surgir dela uma criança, por isso o clã de *Máám* é de origem da castanheira. O segundo foi o clã *Kaban*, que surgiu quando o neto de Ngura colocou seu espermatozoide numa fruta da árvore de Mirandiba [*kabannaap*] e nasceu outra criança. O terceiro foi a vez do *Kakin*, que originou quando o neto de Ngura colocou seu espermatozoide na fruta de um cipó chamado *Kakinaap*. Então assim apareceram todos os descendentes dos clãs do povo *Pandeerééj*.

Nos relatos dos anciões, havia mais de três clãs, mas com os conflitos que existiam entre os clãs *Máángyyééj* e *Wabeapbééj*, estes dois acabaram desaparecendo. Os que resistiram aos conflitos foram só os três que atualmente estão vivendo na região de Aripuanã e Rondônia que já citei acima.

No começo, Ngura [Deus] chamava cada clã pelo nome, mas depois ele escolheu um nome para denominar a todos, e deu o nome de *Pandeerééj*, ou seja, é o nome tradicional do povo e que é usado por todos, embora, a maioria acabe se autodenominando de Cinta Larga.

Então, entre os *Pandeeréej*, é comum se referir a símbolos que representam a origem de cada clã, *Máám* que é a castanheira, já o símbolo do clã *Kaban* é a árvore de Mirandiba e o símbolo do clã *Kakin* é a fruta do cipó *Kakinaap*.

1.2 Os *Pandeeréej* e a organização social

O povo *Pandeeréej* é um grupo indígena falante da língua do mesmo nome, pertencente ao Tronco Linguístico Tupi Mondé. Muitos conhecem meu povo pelo nome de Cinta Larga, mas este nome foi dado pelos não índios porque, quando teve os primeiros contatos, as pessoas do meu povo estavam usando na cintura uma faixa de entrecasca de caxemira, uma árvore da região. A palavra *Pandeeréej* significa “nós somos gente” ou “nós somos pessoas humanas”.

O meu povo se organiza em três clãs: *Kaban*, *Kakin* e *Máám* e dentro desses clãs existe também subgrupos dos *Máám*: *Máámdleej*, *Máágyyj* e *Máámdúúleej*. Só *Máám* tem subgrupos, e *Kaban* e *Kakin* não tem subgrupo. Dá para a gente saber a diferença das pessoas dos clãs pelas suas características: se é moreno e baixinho é pessoa do clã *Kaban*. Se é mais moreno, é *Máám* e se é de pele clara, é *Kakin*. Os clãs se misturam na hora das festas, então só de olhar as pessoas já se sabe qual é o clã a que ela pertence.

Também se reconhece as pessoas dos clãs pela região onde mora, como os *Máám* que também são chamados de *mbipkareeje* porque moram em área onde tem muito palmito (*mbipkareej*). A maior parte destes está localizada em Rondônia, nos municípios de Cacoal e Espigão do Oeste. A maior parte dos *Kaban* está em terras de Mato Grosso e as pessoas *Kaban* são chamadas *depasapkaréej*, pois moram em região de muito babaçu (*pasapkaréej*), no Município Aripuanã. Já a maior parte dos *Kakin* vive no Município de Juína e são chamados e conhecidos como *comongaaruluwéej*, pois moram numa região onde é comum se ver o por do sol (*ngaaruluwéej*).

Existe um símbolo que representa a origem de cada clã: o do *Máám* é a castanheira, já o símbolo do clã *Kaban* é a árvore de Mirandiba e o símbolo do clã *Kakin* é a fruta do cipó *kakinaap*.

Antigamente, os *Pandeeréej* faziam casamentos somente entre clãs diferentes, como por exemplo, uma pessoa do clã *Máám* casava com uma *Kaban*, ou, um *Kakin* casava-se com uma *Máám*, ou também o inverso. As regras eram rígidas e não poderia haver casamento com pessoas do mesmo clã pois era pecado para eles. Caso se casassem com pessoas do mesmo clã o filho deles nasceria deficiente. Portanto, o casamento era permitido só com outros clãs, na

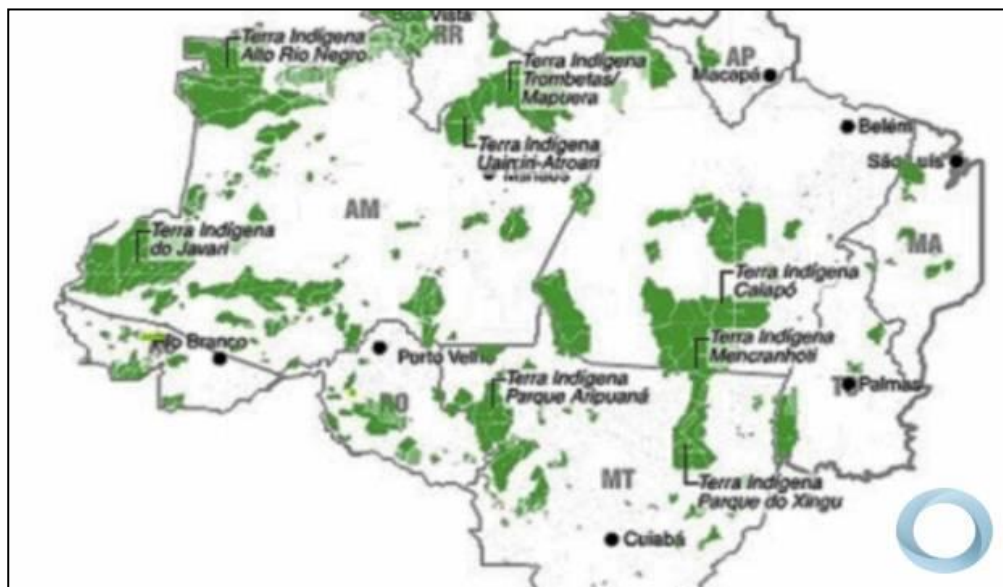
maioria das vezes os *Máám* escolhiam as *Kaban* como suas esposas porque elas eram as esposas ideais para eles. As mulheres *Kakin* não eram boas esposas pois elas eram muito ciumentas, por isso era raro casar com elas.

1.3 Localização e população do povo *Pandeeréj*

O povo *Pandeeréj*, em Mato Grosso, vive nas áreas do Parque Aripuanã, nas TI Aripuanã e TI Serra Morena. Também tem *Pandeeréj* no Estado de Rondônia, que vivem na TI Roosevelt. Então, existem quatro Terras Indígenas *Pandeeréj*: Terra Indígena Roosevelt em Rondônia e no Parque Indígena Aripuanã, Terra Indígena Aripuanã e Terra Indígena da Serra Morena no Estado de Mato Grosso.

Conforme o site do Instituto Socio Ambiental, os *Pandeeréj* têm uma larga extensão de terras para suas práticas de vida. Estas terras ficam no sudoeste da Amazônia brasileira, sendo que abrange espaços dos estados de Rondônia e Mato Grosso.

Figura 1 – Terras indígenas na Amazônia brasileira

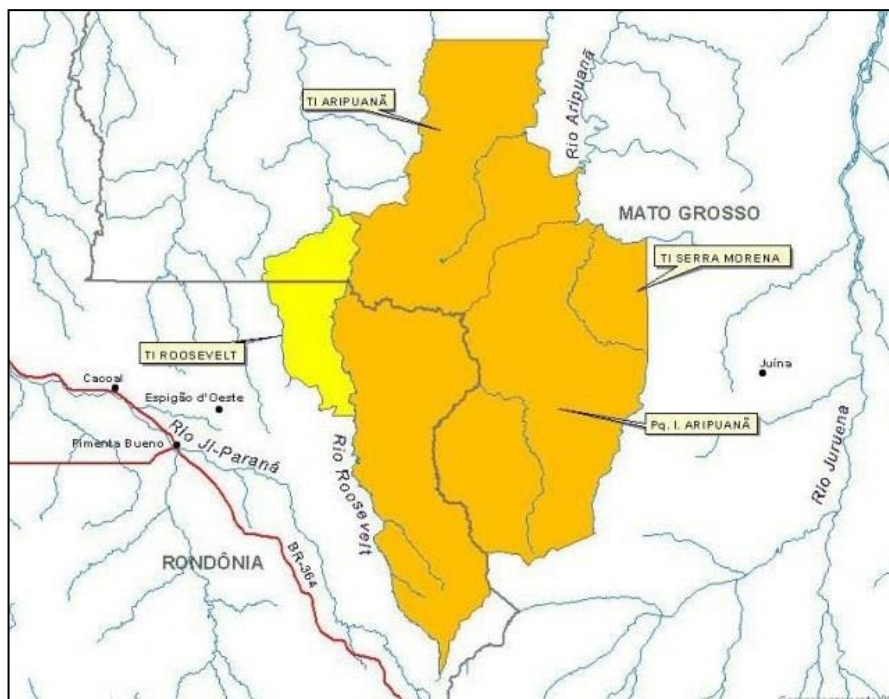


Fonte: defesanet.com.br

O território tradicional *Pandeeréj* é demarcado a partir das imediações da margem esquerda do rio Juruena, junto ao rio Vermelho, até a altura das cabeceiras do rio Juína Mirim; das cabeceiras do Rio Aripuanã até o salto de Dardanelos; nas cabeceiras do rio Tenente Marques e Capitão Cardoso e as cercanias dos rios Eugênia, Amarelo, Amarelinho, Guariba,

Branco do Aripuanã e Roosevelt. Habitam as terras indígenas Roosevelt, Serra Morena, Parque Aripuanã e Aripuanã, todas homologadas, somando um total de 2,7 milhões de hectares.

Figura 2 – Mapa da Terra Tradicional dos *Pandeeréj*



Fonte: kanindé.org.br, 2016

No estado de Mato Grosso tem aldeias no município de Juína e no município de Aripuanã. (ISA.SIASI/SESAI, 2014), e em Rondônia são contadas pessoas no município de Cacoal, conforme apresento os dados no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Distribuição da população Pandeeréj por município

Municípios	População Pandeeréj
Juína	346
Aripuanã	366
Cacoal	1159
Total	1871

Fonte: SIASI/SESAI, 2014

De acordo com o que apresentei no quadro acima, são 366 pessoas que vivem no município de Aripuanã. Lá na minha aldeia, a Aldeia Areão, vivem 39 pessoas e a maioria é do clã *Kaban*. Moro na aldeia Areão, que se localiza a 110 km da sede do município de Aripuanã-MT. Nesta aldeia tem a Escola Estadual Indígena *Pasapkareej*, onde estudam cerca de 70

alunos. A escola trabalha com alunos do primeiro ciclo até a 1ª fase do 2º ciclo, atendidos por 9 Professores. Não tem professor indígena formado ainda para trabalhar na escola *Pasapkareej*. A escola construída na aldeia tem uma sala grande, banheiro e cozinha. Não tem projeto na escola, mas trabalhamos para fortalecer a cultura, ensinando sobre práticas, histórias e mitos da cultura, como, por exemplo, ensinando a fazer flecha na escola.

1.4 Modo de sobrevivência e práticas culturais do povo *Pandeeréj*

O nosso modo de sobrevivência é de várias formas, porque tem a forma tradicional, como a pesca, a caça e a roça, mas, também sobrevivemos com recursos que vem de outros trabalhos que recebem dinheiro, o salário. Então, algumas pessoas têm salário para sobreviver, como é o agente indígena de saúde (AIS), o agente sanitário (AISAN), os professores e as pessoas que fazem a coleta de castanha. As castanhas são vendidas e também têm pessoas que fazem vendas de artesanato.

Hoje existem muitas mudanças de modo de vida como era antigamente, mas sobrevivemos da cultura, de trabalho com salário, e também de bolsa família. Mas todos sustentam sua família. O modo tradicional de sobreviver do povo *Pandeeréj* é através da pesca, da caça e da roça.

1.4.1 Pescaria com timbó

A pesca é feita com timbó. Na pesca do timbó a rotina é convidar homens, mulheres e crianças para a pesca do timbó. As pessoas levam facão para cortar o cipó no mato. As mulheres e crianças levam o cesto para pegar os peixes e depois ajudam a limpar o peixe e a buscar a lenha para preparar o peixe. As mulheres também fazem o *mixan*, que é um tipo de grelha feita com tronquinhos de árvore para assar os peixes. As flechas para matar o peixe, quem leva são os homens, e os meninos é que batem o timbó. Os *Pandeeréj* sempre levam rede para dormir quando a pescaria é longe. Esse tipo de pescaria é só uma vez por ano, no mês de julho, por que este tempo é bom de pescar com timbó.

O timbó é um cipó marrom. Quando a pessoa vai bater timbó ela não pode tomar a água do rio no mesmo lugar, então, se tem sede, tem que tomar a água antes de bater o timbó. Se as pessoas tomam água que bateu o timbó ela vai ficar com dor de barriga. Antes de bater timbó, primeiro tem que ver o local onde tem mais peixe, aí no outro dia os homens vão sair a procura

do timbó. Eles pegam o timbó e vão para o local onde vai ser realizada a pescaria e ficam lá pescando até dois dias, enquanto não conseguem pegar os peixes dormem lá mesmo. Isso quando vai pouca gente. Quando vai muita gente, as pessoas voltam no mesmo dia para aldeia, pois todos ajudam nas tarefas.

As famílias podem acompanhar na pescaria do timbó, só mulher grávida não pode ir nessa pescaria, porque os peixes vão afundar tudo e não conseguem pescar, aí fica difícil para matar peixes com flechas. Mulher grávida é proibida de ir e nem o marido dela pode ir também, pois ele não pode mexer na água, assim ele não pode participar dessa atividade. Quando os homens terminam de bater timbó, saem do rio para esperar os peixes tomarem a água do timbó e pode levar até 3 horas para os peixes ficarem tontos. Enquanto isso as mulheres vão cozinhar mandioca para comer com os peixes. Os peixes mais gostosos são pacu, piau, lambari e peixe sardinha.

1.4.2 A caçada

A caça só os homens que fazem durante o ano inteiro. Tem época que é melhor e tem época que é ruim para a caça. Os bichos mais caçados são os macacos e aves, como jacu, jacutinga e mutum. Também são abatidos porco queixada, caititu e anta. A gordura é o principal indicativo para o paladar: quando alguém está limpando a presa, logo perguntam “*Tétkamdák?*”, ou seja, “está gordo?”. Se o animal estiver gordo todo mundo vai gostar da carne dele.

Quando o homem casado mata muitos bichos a mulher faz a carne assada ou cozida. Quando o bicho é gordo, o homem tira só a cabeça do animal para cozinhar e fica esperando cozinhar. Antigamente a cabeça do bicho era feita na panela de barro e hoje é feita na panela de alumínio. Assim que fica pronto, a mulher faz mandioca assada ou cozida e batata doce assada para comer junto com a carne. Quando fica tudo pronto, ela avisa o marido e o homem convida outros para servir a comida. Os *Pandeeréj* comem bem, ficam satisfeitos, na época de janeiro e fevereiro, que é a época de bichos gordos.

Quando a caça é ruim o homem faz ritual para encontrar bichos mais facilmente, que chama *murap atuu*. Ele faz um tipo de chá, espremendo uma folha e torce ela para sair todo líquido e depois toma. Geralmente ele toma duas canecas de *murap atuu*. O homem espera na casa sem sair, de dois a três dias, até fazer o efeito do *murap atuu*. Depois de três dias, o homem pode sair da casa e ir caçar os bichos. Também o *murap atuu* serve para quando a gente fica

ruim de flecha. Os homens passam essa folha no olho para limpar bem o olho e fazer mira boa para acertar e não errar o bicho. Também quando passa no olho o bicho deixa chegar perto e quando não passa ele fica arisco.

1.4.3 A roça

Na roça são produzidos vários alimentos como a mandioca, cará, batata-doce, amendoim. Algumas pessoas têm sua própria roça, mas se tem o costume de também ter a roça coletiva. A roça coletiva é feita com organização do Cacique. Primeiro ele comunica a comunidade que vai fazer a roça e depois que ele comunicou, escolhem a terra roxa onde vai ser feita a derrubada para fazer a roça coletiva da comunidade. Assim, os homens e meninos ajudam a fazer a derrubada e as mulheres e as meninas vão fazer coleta dos plantios da roça.

Para fazer a roça, primeiro se faz a derrubada, espera a folha ficar seca e aí, depois de alguns dias, faz a queimada. Depois de queimar, espera-se chover e baixar a cinza do fogo. Quando vem a primeira chuva não se faz nada, só na segunda chuva que se começa a plantar. Quando começa o mês de setembro começamos a plantar a mandioca, cará, milho, amendoim, batata doce, inhame etc.

Quando se está plantando mandioca, o homem não pode tomar água senão quando vai cozinhar a mandioca ela fica dura e não amolece. Por isso ele toma água só depois de meia hora que plantou. Também, depois que plantou, precisa passar remédio no braço do homem. Esse remédio é feito de folhas de bambu. Espreme a folha e passa no braço, isso é para que saiam bastante raízes de mandioca. Os alimentos preferidos do povo *Pandeeréj* são mandioca assada e chicha de mandioca. A chicha é feita de mandioca, milho, também de frutas do mato e mel. Cada família faz a sua roça, mas antigamente era tudo coletivo.

1.4.4 Festas tradicionais

Uma das festas tradicionais principais realizadas pelos *Pandeeréj* é a *iiwae*, que antigamente era feita durante um ano e hoje ela dura só uma semana. Nesta festa se faz danças e pinturas corporais. *Íiwae* é a festa da chicha tradicional de mandioca. Sua preparação demora um ano, ou pouco menos, e sua execução, em torno de um mês. Para acontecer esta festa é preciso ter o dono da festa, isto é, o anfitrião *iiway* que é o dono da chicha. *Oumêiway* é o dono

do pátio, então ele precisa ter plantado uma grande roça de milho, mandioca ou cará - a escolha do produto para fazer a chicha é feita pelo convidado de honra. Além disso, deve caçar e pegar um filhote de animal ou ave para ser sacrificado, de preferência uma queixada, mas pode ser caítitu, macaco, arara, cutia, quati, mutum, jacamim e outros. Esta festa é realizada no mês junho ou agosto.

1.4.5 Outros recursos para sobrevivência

Para sobreviver, o povo *Pandeeréj* utiliza da prática da roça para alimentação, mas atualmente tem o projeto de castanha, então o povo consegue com isso ter uma boa renda familiar. A Associação *Pasapkareej*, compra a produção de castanhas das comunidades indígenas no município de Aripuanã. Cada família coleta castanha e vende para a Associação, assim tem recursos para sustentar sua família e com essa renda elas conseguem comprar sua alimentação para completar a alimentação produzida na própria comunidade. O presidente da associação *Pasapkareej* é Dayt Kaban Cinta Larga, que auxilia as famílias na administração dos recursos da castanha.

Outro meio de conseguir recurso financeiro é pela venda de artesanato. As mulheres confeccionam artesanatos para vender e com o dinheiro compram o que necessitam. No momento, as comunidades ainda não têm um ponto de venda para esses artesanatos e nem tem organização de Associação voltada para esse trabalho, então, por enquanto elas fazem chaveiro com penas de arara e colares e brincos e vendem para quem vai visitar as comunidades ou, algumas vezes, quando vão para a cidade.

As pessoas que trabalham na aldeia, e têm salário, são os agentes de saúde (AIS), os agentes sanitários (AISAN) e são contratados para exercer estas funções, e tem professores também. Os indígenas sustentam sua família com essas rendas, mas eles não dividem esse dinheiro, porque é mínimo o salário. Professores também recebem salário e não dividem porque é pouco e quem tem muitos filhos não dá para sustentar muito bem toda sua família.

CAPÍTULO II – O CANTO DE CARÁ

Agora vou registrar aqui tudo que coletei de informações sobre o Canto de Cará, que é o objetivo da minha pesquisa. Primeiro vou explicar um pouco sobre o cará, que é um alimento dos *Pandeeréj*. Depois vou explicar e registrar o que os consultores nativos me falaram na entrevista que fiz com eles sobre o Canto de Cará.

2.1 O Cará

O cará é uma raiz cultivada e produzida embaixo da terra e tem dois tipos. Um é o cará branco por dentro e cinza por fora e o outro é o cará roxo por dentro e cinza por fora.

Quando é época da colheita, colhe-se o cará do chão e leva-se para casa para limpar a terra dele, só depois se prepara ele para comer. Tem que separar, também, um pouco de cará para poder plantar, assim vai continuar sempre tendo esse alimento. Para poder plantar, cortamos o cará em pedaços e vamos colocando nas covas e jogando a terra por cima.

Figura 3 – Cará cortado em pedaços



Fonte: Luis Kakin, 2016

Depois que termina de plantar é que se canta o Canto de Cará. Antigamente um grande cacique plantou um alqueire de cará, aí, na hora de festa, o dono da festa já começou a cantar o canto de cará.

2.2 Canto de Cará do povo *Pandeeréj*

O canto de cará do povo *Pandeeréj* é cantado durante a tarde, de noite e de madrugada. Sempre se canta quando a pessoa está animada, contente com alguma coisa. São vários cantos de cará, mas muitos deles já foram esquecidos. Eduardo Cinta Larga cantou quatro músicas quando eu estava fazendo a entrevista e elas são difíceis e são cantadas na língua materna. O Paulo, que é filho dele, do Eduardo, falou que na hora de cantar ele ficou nervoso, porque se emocionou.

Figura 4 - Consultor nativo Sr. Eduardo Kaban Cinta Larga



Fonte: Paulo Kaban, 2016.

Eduardo Kaban Cinta Larga é um sábio do povo *Pandeeréj* e tem 92 anos de idade. Ele não lembra de muita coisa, mas o que lembra ele contou para mim. Só tem dois anciãos que sabem tocar a flauta e o filho dele Paulo Kaban também sabe. A flauta é tocada quando eles se juntam. Precisa de três pessoas para tocar juntos, se um deles morrer não tocarão mais a flauta,

então, é preciso aprender e registrar. O Canto de Cará é realizado com as pessoas cantando, falando e tocando a flauta.

Eduardo Kaban Cinta Larga contou que ele não lembra a origem da musica. Por isso só contou o que ele lembra e disse que tem diferentes tipos de músicas, como a que homenageia visitante e a de agradecimento a uma pessoa importante. Essa é a fala dele. Agora Paulo Kaban Cinta Larga contou onde surgiu o canto. Vou registrar conforme ele falou.

Um dia Ngura foi visitar uma pessoa que se chama Mixang. Assim Ngura chegou na aldeia da Mixang (a noite). Quando ele viu visitantes, Mixang a noite pediu para os filhos organizarem festa para Ngura. Assim eles preparam com chicha de mandioca e cará. Quando a noite chegou no céu, Mixang acordou e comprimontou Ngura. Também pediu aos filhos deles para caçar bichos como anta e porções e aves para comer na festa. Assim Mixang cantou para agradecer Ngura (Paulo Kaban Cinta Larga).

2.2.1 O Canto de Cará

Conforme falou e cantou os consultores nativos, aqui está registrado um dos Canto de Cará, que é feito na língua materna.

Téét meeĵ mangulu ekatéé, paakiidun emasyly emapít teet emasyly emapií mitinééĵ perepií ekatee kiālaa teiiranlaaj jenamááng kýĵĵtee banazaa xikiniteet xikiteet waatbaá takajpuu takajpua maa teiiralaaj turuwiik teet teet teet téét!!.

Jenamaang kyyĵtee banazáá xikini teet watbaa takajpuu takajpua maa teiiralaaj Turuwiík teet, teet, teet, téét!!.

Anteet, teet, teet, teet panjakáá maa tasupteet tasuptee téé pajankytt panjakáá maa papikií tapikií buk umaa buk umaa xi'alaa tealaa turuwiik teet, teet, teet, teet, teet, teet, teet téét!!

Agora, abaixo, vou registrar a versão em língua portuguesa do canto do cará:

Mas vocês são muitos, mas vou chegar em vocês bem perto para vocês ficarem com medo. Mas vou chegar em vocês, mas vou chegar em vocês porção eu ouvi vocês.

O que eu queria era ver vocês por isso eu queria ver vocês muito.

O que eu queria ver vocês, mas assim eu matei algumas de você.

Figura 5 – Grupo de Pandeeréej fazendo o Canto do Cará



Fonte: Luis Kakin, 2016

2.2.2 Entrevista com Paulo Kaban Cinta Larga

Paulo Kaban Cinta Larga, que entrevistei para esse trabalho é um dos sábios da minha comunidade, por isso ele foi escolhido para falar o que conhece sobre o Canto de Cará.

Pedi para Paulo me contar sua história, pois achei interessante, já que ele é uma das pessoas que ainda tem a sabedoria do Canto do Cará e de outras coisas da cultura dos *Pandeeréej*.

Figura 6 – Consultor nativo, Sr. Paulo Kaban Cinta Larga



Fonte: Luis Kakin, 2016

Então, ele contou e eu gravei. A transcrição da história dele está registrada como segue abaixo.

Alô Alô. Agora vou contar minha história, onde eu nasci; deixa eu pensar se eu nasci não existia nesse mundo como uma pessoa me tornei de hoje eu não existiria nesse mundo por isso vou contar minha história: eu nasci na Ilha. Desculpa-me eu não me apresentei: Meu nome é Paulo Kaban Cinta Larga. Nasci na Ilha. Sei que é lá eu andava no colo, nós não parava de andar. Onde nasci aí vou até parar de contar. Onde moro hoje é na Ilha. Meu pai andava, quando eu completava mas ou meno um ano meu pai andava comigo. Quando outra pessoa da Aldeia pediu para o pai fazer roça para eles aí minha mãe me carregava no colo no carregador do bebê tradicional no colo dela. Nós dormia no caminho tomando chuva; eu bebê sem roupa no frio tomando chuva sem proteção de alguma roupa para me cobri; sorte nessa época não pegava doença como de hoje, como tosse. Isso porque antigamente nós não usava roupa como de hoje no nosso costume. Era nessa época que a pessoa era sem roupa como pega doença tosse no frio ainda eu estava sem camisa, mas não sei como não peguei tosse isso era nosso costume por isso eu não fiquei doente não tinha camisa. Eu nasci no ano, mas o menos de 1966, eu acho, mas o menos, vou chutar. Eu estava um ano de idade, não to falando certo ou ano certo, porque eu não lembra bem porque antigamente a gente não contava ano nem mês por

isso o ano está errado ou está certo. Por isso meu idade está certo ou está errado ou não eu tu só bacía ou ano só que eu acho. Ai meus pais me levou outra aldeia.

Akabikabee, quando nos ficamos um ano nessa aldeia, voltei de novo essa primeiro nossa aldeia Iaguurej aonde que eu nasci quando nos ficamos dois ano nessa aldeia pessoa chamou meu pai de novo para ele fazer roça para eles Aldeia ngurei ai meu pai levou nos para nessa aldeia ngurei assim meu pai andava com pessoas procurando não índio Astra de facões assim que eles viu zeija os não índios eles roubaram e fugiu com facões .Eu minha mãe ficamos na casa nessa época eu estava quatro ano nos ficamos ou três ano nessa aldeia depois nos voltamos aldeia ngurei de novo. Ai que nos viemos na aldeia zap abirijajbee eu acho que estava com três ano lá quando eu completei quatro anos mudamos para construir outro aldeia como conhecido hoje aldeia Taquaral assim nos começamos anda novamente com meu pai construí aldeia.

Assim nos estava nessa aldeia meu pai decidiu te contato com não indígena de Aripuanã assim nos conhecemos Aripuanã nos morreram todos eu achou que tinha duzentos ou trezentos pessoas que morreu nesse contatou eu perdi minha mãe. Assim que minha mãe morreu eu morava só com meu pai depois dessa tragédia meu Pai falou para me bora passear lá na Aldeia serra morena depois que minha mãe morreu só eu sobreviveu só outra mulher ai eu pensava ela ia se minha madrasta também morreu quando ela também morreu ai percebe que a gente não e de ferro só nos sobreviveu eu meu pai. Eu achei que estava com sei ou sete anos de idade nos foi na Serra Morena. Depois que passou dois anos ou eu estava com oito ou nove anos idade eu vem mora com não indígena fiquei ate dois anos com eles lá aprende com eles como usa roupa e como viver bem mante limpo.

Por isso decide eu não quero vive mas com meu pai porque eu já perceber a gente não anda todo dia mas pelado por isso eu gostava mora com meu padrasto dois ano depois ele me falou que vai me por na escola para eu estudar para você se motorista nosso ou você vai ser motorista de ônibus ou motorista de caminhão meu padrasto falou para me .Ai eu achei bom na conversa deles mas meu irmão Parakita fui busca meu pai na Aldeia Serra Morena para ir na Aripuanã na volta eles me levou junto com eles na Aldeia Bananal lá ficamos um anos como bom famílias e bem reunido também nos passava forme não tinha roça. Por que essa era Aldeia nova Por isso nos procurava mandioca na roça antiga também nos fazia roça grande assim passando forme guando terminamos de fazer a roça. Ele falou agora nos vai onde tem comida que tem roça na Aldeia Ixajrei assim ficamos por lá um ano fazendo coletas de cará ramos de mandiocas e trazia na custa coletas mas dois dia ate vinte km da Aldeia Bananal e nos dormia no caminho. Assim nos esperamos na Aldeia Ixajrei para que plantas cresce para não passa

forme assim nos era reunindo dois anos . Depois ele desentendeu com meu pai, ai meu Pai falou com nos agora nos vamos embora daqui porque a gente não vai mora com ele mas ai meu Pai levou nos lá no guariba lá nos moramos com não indígena eles são indígena mas eles moram na mata mas tem caminho na beira do rio ai nos andemos mas de trinta km pra baixo ou quarenta km nos andemos lá ate chegar na Aldeia do Irmão do meu pai ai ele pediu pra nos mora com ele ai lá nos moramos mas um ano nessa aldeia lá a gente costumava comer comida dos não índio ai nos costumei comer comida tradicional nessa aldeia porque lá não tenha comida do não índio. Quando nos ia completa dois ano e meio meu Pai falou nos vamos volta naquele nosso Aldeia Bananal.

Assim que nos voltamos lá ai outro cacique falou pra nos porque vocês não vai construir aldeia de vocês aqui quando nos moramos lá meu Pai falou agora nos vamos buscar flecha ai nos saímos de Aripuanã ir pega flecha ai nos indo acabando indo pra Juína eu pensei porque eu tô fazendo isso eu voltei pra Aripuanã na Aldeia Bananal pessoas da Funai contratou chefe do posto falou pra nos vocês tem que parar de anda agora uma lugar só por isso nos construímos casas na garimpo porque pessoas da Funai tirou todos os não índio no garimpo ouro preto por isso nos construímos casas e maloca ai pessoas viemos todos mora no ouro preto porque na época essa garimpo tenha muito movimento por causa do garimpo. Depois que Funai tiraram todos os garimpeiros lá Funai morava no Ouro Preto.

Assim que eu aprender me cuida bem parar de sofre. Ai nosso politico espalhou pessoas de novo ai eu pensei eu acho vou vira morado de rua eu sair a noite sozinho para Cuiabá eu nem tenha dinheiro dormia dentro do madeira oca não sei como onça ou não índio me mantaram ate amanhecer ai eu pequei carona na outro dia para Vilhena antes eu já conhecia Vilhena assim chequei Vilhena eu fui na Funai perguntando se vocês viu Japão Ai eles sim nos já pequemos ele quando ele estava no posto sentado nos levamos ele lá no casa do índio ele esta lá ai falei eu vou lá ver ele se esta bem ai fui na casa do índio eu esta na frete ele pegou carona me deixou pra trás. Logo nos juntamos de novo ai nos estava esperando para descansa para pode volta fiquemos dois três semana na Vilhena Funai trocemos nos na Aripuanã quando eu chequei aqui Aripuanã falei eu vou mora no Pavorosa agora ai eu falei com meu Pai vamos fazer Aldeia bora há tu mentindo pavorosa e um lugar que nos chamamos libores um senhor morava lá.

Fiquei nesse lugar quase dois ano. Quando eu estava ficando lá eu fui fazer roça lá na pavorosa, eu fui eu tem que me sustenta , assim que ficava na pavorosa meu sogro me chamou vem aqui trabalhar fazer roça pra gente por isso eu fui lá Juína morei lá mas um ano lá trabalhando fazer cerca roça para eles. Assim que eu voltei em Aripuanã eu falei será que eu

não vou parar mas não no ano 90 eu parei no Taquaral antiga Taquaral eu ajudei pessoas fazendo roça. Ai nos falemos vamos planta Arroz novamente porque lá na Aldeia ouro preto nos plantava Arroz ai nos plantava arroz aldeia Taquaral aonde e Taquaral hoje depois dez ano pessoas plantou arroz ai nos mutuava de arroz ai pessoas fiz mas vinte e cinco sacos mas tenha mas arroz na roça moto era as criança queimou mas de dez moto era eu morei mas de cinco sei ano na Aldeia Taquaral. Quando eu morava na aldeia, Taquaral minha filha ficou doença ai eu tem que viajar para Cacoal com ela lá eu vir as coisa diferente nossa como e bom de vida aqui, as pessoas andava bem arrumado lá. Eu nem tinha estudo eu estudava só um pouco na Aleia Ouro preto por que nosso professor ficou muito doente ai ele morreu depois disso eu não continuei estudei mas, por isso eu não tenha muito estudo. Assim que eu fui leva minha filha na Cacoal as pessoas me falou nos vamos fazer curso aqui ai eu pensei eu acho que vou fazer também para eu descobrir porque meu Tio meu Irmãos esta morrendo pegando febre eu sou capaz de aprender. Porque pessoas esta pegando febre para eu descobrir vou fazer nesse curso também fui ano 96 eu participei primeiro curso ai meu colegas só desistiu do curso, ate hoje tô trabalhando com meu povo como enfermeiro se um dia pessoas pede meu conta, vou continuar mesmo assim vou trabalhar com meu povo eu não tô trabalhando por causa do dinheiro.

Porque eu escolher meu profissão por me mesmo por isso eu lembra quando eu era adolescente eu sofri muito por isso esse vai se minha lembrança ate hoje não vai se fácil para eu sair nesse profissão. Depois 7 ano que eu morrei na Taquaral eu pensei nossa quando eu tô morando com ele pessoas tem inveja comigo, vou construir outro aldeia pra me porque a minha família esta ficando grande lá vou construir Escola se esse minha filhas se um dia eles vai casar eles vai querer outro aldeia só para eles eu pensei.

Assim que morei 7ano na aldeia Taquaral ano 2005 eu construir minha aldeia ai eu falei com meu Irmão vou construir minha aldeia ele falou se você e capaz de fazer você poder fazer ele falou pra me. Ai eu falei pra ele onde você vai libera local pra me, aqui na atrás da serrado só lá você vai construir aldeia pra você ele falou pra me. Ai eu não vou medir construir aldeia pra me verdade minha famílias esta grande por ele vou fazer, por isso ate hoje eu to morando lá eu fiz esse aldeia muito longe não e por causa de e muito longe vou abandona minha aldeia eu que escolher meu responsabilidade por isso nome do minha aldeia Areão.

Fui construído ano 2005 por isso eu tô morando lá ate hoje com esse ano 2016 aldeia areão vai fazer lá par dia 10 vai fazer 11 ano. La já fui construído Escola postinha posto artesiano casa alvenarias que Funai pediu construir para comunidades Placas sola para cada casas mas não aguentou por isso eu to ate hoje to lutando pedir outro como barragem que

construído na água até hoje to lutando ver se eu consigo para ver ela também vai doura mas meu luta não vai parar ainda to luta hoje aqui, enquanto eu to vivo vou continuar lutando isso e minha história pela meu comunidade só vou parar quando vou morrer se um dia vai acontece comigo só vai me substitui no meu lugar meu filhos ou meus filhas ou meus genro esses nomes que eu indiquei vai continuar no meu lugar lutando. Obrigado esse é minha história fim.

Assim eu termino meu trabalho de pesquisa, pois apresentei tudo que encontrei na fala do Paulo Kaban Cinta Larga e do Eduardo Kaban Cinta Larga. O que está registrado aqui poderá servir de aprendizado dos jovens para dar continuidade ao Canto de Cará do povo *Pandeeréj*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer o trabalho sobre o Canto de Cará foi importante porque vai deixar registrado uma das coisas importantes para a cultura tradicional do povo *Pandeeréj*. O canto é feito quando a planta já está pronta, amadurecida na terra e as pessoas podem colher. Então, quando se faz a colheita é que se faz a festa.

O Cacique organiza a festa, ele é o dono da festa. É uma festa muito importante para o povo, e é uma festa grande. O trabalho de plantar cará é feito até hoje e a escola com os alunos ajudam no plantio e na colheita. Então, a partir de agora, a escola também trabalhará com os alunos o Canto de Cará, e, assim, vai se fortalecendo a cultura *Pandeeréj*.

Eu mesmo aprendi muita coisa fazendo este trabalho, porque eu não sabia cantar o Canto de Cará, então, para mim, foi muito importante aprender tudo que os dois anciãos falaram. Vou poder ensinar meus filhos sobre a importância do Canto de Cará.

REFERÊNCIA IBLIOGRÁFICA

ISA. Instituto socioambiental - SIASI/SESAI, 2014. Disponível em pib.socioambiental.org, acessado em 2016.

CONSULTORES NATIVOS

Eduardo Cinta Larga, 92 anos.

Paulo Kaban Cinta Larga, 50 anos.